

ENTREVISTA
Luísa Stefani

Reprovada em seleção para boeira do Miami Open, brasileira é a 32ª no ranking mundial de duplas, projeta top-10 e diz ao Correio que sonha em ir a Tóquio para turbinar categoria feminina no Brasil

"Sentimento especial"

Você quebrou jejum de 38 anos do país ao chegar às quartas do US Open. Qual é o significado de ser tenista brasileira conquistando projeção internacional?

É um sentimento especial dar visibilidade ao tênis feminino e ter o meu nome no radar, ainda mais no cenário das duplas. Tenho de tirar proveito e espero que anime mais jogadoras para elevar o nosso nível e o tênis feminino brasileiro mundo afora.

Você disputou a primeira final de nível Premier em Ostrava, subindo para a 32ª posição do ranking de duplas. Como avalia a temporada?

É o melhor ano da minha carreira, com resultados excelentes. Queria jogar todos os torneios de Grand Slam. Com a pandemia, o de Wimbledon não foi possível e os outros com adaptações. Foi um ano de muito aprendizado. Consegui jogar em alto nível e chegar longe nos torneios. Isso mostra que estou subindo consistentemente.

Como observa as conquistas do tênis feminino por maior igualdade?

O tênis masculino no Brasil vem com uma cultura maior, ainda mais nas duplas. No feminino, fazia um bom tempo que não tinha uma brasileira tão bem ranqueada. Muito mais do que uma boa posição no ranking mundial, é mostrar que é possível, o que traz visibilidade. Aparecer na televisão durante um Grand Slam foi um grande passo. A gente sente falta da visibilidade no tênis em geral no Brasil. Sinto-me feliz por fazer parte dessa mudança. Espero que, daqui para frente, só melhore.

Você se mudou com a família para os EUA bem nova. Como a mudança impactou seu jogo e a vida?

Eu mudei para os Estados Unidos com 14 anos, em 2011. Lá, o estilo do tênis é totalmente diferente. A cultura e a quantidade de meninas que eu tinha para treinar e competir era muito maior. Jogar em quadra rápida em vez do saibro, que no Brasil é o principal tipo de quadra, foi uma grande mudança. Aprender a jogar agressivamente, ou seja, indo para a frente, na rede, buscando o voleio. Quando eu morava no Brasil, não tinha tantas oportunidades, a não ser quando viajava para torneios nacionais ou sul-americanos. Saí da minha zona de conforto. Não sabia falar inglês, precisei me virar, o que refletiu em um amadurecimento na quadra e fez a diferença na minha carreira.

O que recomenda às jovens jogadoras que sonham com a profissionalização?

Sair da zona de conforto. Viajar, jogar nos EUA e na Europa, onde se disputa o nível mais alto do tênis, para sentir o nível da competição e aprender. Não pode deixar passar a oportunidade. O estilo de jogo e de quadra são diferentes. E, se quiser ser um tenista profissional, conviver com as viagens, ficar longe de casa. É o estilo de vida. Ter essas experiências desde pequeno ajudará muito no futuro, pois é amadurecimento. Sentir que a competitividade fora é diferente do que temos no Brasil.

Você jogou torneio em Brasília com brasileiros profissionais e juvenis. Qual a importância do evento?

O melhor é mesclar as jogadoras que disputam o circuito profissional com as meninas que, principalmente neste ano, não tiveram oportunidade de competir. Assistir de perto, treinar junto, conversar e passar nossas experiências para elas foi muito legal. O torneio também teve transmissão, que é um grande feito para o tênis nacional. Espero que aconteça ainda mais para a gente jogar em casa, no Brasil. Poder estar perto do nosso tênis é especial.

O que pesou na decisão entre o circuito profissional e o tênis universitário dos EUA?

Era na época de terminar o juvenil e

Havia três décadas que uma brasileira não alcançava o top-40 do ranking mundial de tênis. Aos 23 anos, a paulistana Luísa Stefani foi uma das principais tenistas de duplas de 2020, terminando na 32ª posição do WTA, entidade que rege o tênis feminino. Após dividir-se entre o tênis universitário dos Estados Unidos, enquanto dava os primeiros passos no circuito profissional, entre 2015 e 2018, ela disputou o primeiro ano integralmente na elite em 2019. Tornou-se especialista em duplas. Ela soma 15 títulos na categoria pela ITF, dois WTA Challengers 125 e duas conquistas WTA.

No ano passado, Luísa Stefani experimentou jogar ao lado da americana Hayley Carter. O entrosamento foi quase imediato. A dupla conquistou dois títulos de nível WTA — Tashkent, em 2019, e Lexington, em agosto deste ano. Antes, a brasileira não havia firmado parceria fixa na carreira. No fim desta temporada, a americana sofreu lesão no Roland Garros e encerrou a tempo-

MÁIRA NUNES

rada mais cedo para se recuperar. A brasileira, então, disputou o último torneio ao lado da canadense Gabriela Dabrowski, fechando o ano com a melhor marca da carreira no ranking internacional, e com expectativas altas para 2021.

Em entrevista ao Correio, após passagem por Brasília para disputar o circuito profissional nacional, Stefani falou como a mudança com os pais para os EUA, na adolescência, marcou a carreira. Lembra da clínica com Maria Esther Bueno, ícone do tênis brasileiro, quando tinha 12 anos — e da honra ao ouvir que o jogo dela lembra o da ídola. Luísa fala do sonho de disputar as Olimpíadas de Tóquio, em 2021. Para se classificar, porém, precisa figurar entre as 10 primeiras do ranking mundial. Outra possibilidade seria parceria com compatriota bem qualificada o suficiente a fim de ser habilitada pela soma de ranking das duas. "Uma meta difícil, mas possível. Vou trabalhar, seria realmente um sonho", conta.



Dylan Buell/AFP - 16/8/20

"Muita gente brinca que eu lembro um pouco o jogo da Maria Esther Bueno. É uma honra a comparação. Fiz uma clínica com ela. É um ícone do tênis brasileiro"

"Fomos (ela e o irmão) a um teste para ser boleiros do Miami Open quando éramos pequenos. Não fomos chamados e dissemos: 'Caramba, nem boleiro a gente conseguiu ser'. Uma das minhas metas é jogar no Miami Open e, quando eu vir os boleiros, vou lembrar dessa história"

decidir se eu iria para o esporte universitário ou não. Por estar nos EUA, pude visitar as faculdades para ver de perto como era o tênis universitário. Não tinha a mínima ideia. E de poder conviver um pouco mais com pessoas que haviam ido para o universitário e ver o quão grande era e como era boa a oportunidade de poder jogar e estudar ao mesmo tempo. No fim da minha carreira juvenil, estava com ranking bom, mas, ao mesmo tempo, faltavam alguns recursos ao meu estilo de jogo e recursos financeiros para sustentar um circuito profissional. Por isso, ter disputado o tênis universitário foi a melhor decisão. Não foi fácil na época, porque eu queria jogar tênis profissional e era só isso. Mas, olhando para trás, percebo que foi o melhor, meus pais me incentivaram muito a jogar também. Brinco que foi por livre e espontânea pressão fazer o tênis universitário. Essa experiência não volta mais, mas foi fundamental para a minha carreira, crescimento e amadurecimento dentro e fora das quadras (a tenista brasileira começou o curso de publicidade na universidade).

Quando entrou para o tênis universitário, as regras haviam acabado de mudar, certo?

No primeiro ano, tinha essa nova opção na divisão 1 de trancar o curso. Eu podia sair depois de jogar a primeira temporada universitária, disputar o circuito profissional e, quando terminasse de jogar profissionalmente, voltar para a universidade e terminar meus estudos com a bolsa acadêmica. Pensei em jogar um ano de universitário para garantir um plano B, caso eu sofra lesão ou algo não dê certo como jogadora profissional. Dispatee o tênis universitário por um ano, fiquei um segundo ano e, na terceira temporada, estava certa de que era hora de jogar no profissional, por mais que só faltasse um ano e meio para me formar em publicidade. Tranquei a faculdade, mas pretendo concluir o curso.

A bolsa universitária para esportistas é algo comum nos EUA. É uma alternativa que você recomenda aos brasileiros que almejam o tênis profissional?

Recomendo. Primeiro, porque o tênis está virando um esporte em que o

Brasileirão Feminino

Corinthians e Avaí decidirão, hoje, o título do Brasileirão Feminino. Na partida de ida, em Florianópolis, houve empate por 0 x 0, na Ressaca. Com o resultado, quem vencer o confronto desta noite, às 20h, na Neo Química Arena, em São Paulo, leva a taça. Não há vantagem para nenhum lado. Em caso de nova igualdade, o troféu será decidido nas cobranças de pênaltis. As meninas do Timão fizeram a melhor campanha geral do torneio e o Avaí, a sexta. O Corinthians eliminou Grêmio e Palmeiras nesta etapa de mata-mata. O Avaí passou por Internacional e São Paulo.

pico de melhor resultado vem ocorrendo mais para a frente, entre os 25 a 30 anos, no feminino e no masculino. Antigamente, o pico da carreira no feminino acontecia bem mais cedo. Segundo, poder disputar o tênis universitário com bolsa é uma oportunidade também de aprender a trabalhar em equipe, a amadurecer e se conhecer neste período, dos 18 aos 22 anos, o que acho muito importante para o crescimento pessoal. Terceiro, pela parte financeira, principalmente saindo do Brasil. Tênis é um esporte difícil, que precisa do apoio de uma equipe e a parte financeira é um dos maiores desafios.

Nas duplas, é um desafio encontrar parceira que encaixe em seu jogo. Como funciona a dinâmica?

Eu tive algumas parceiras com quem joguei várias vezes. Quando se tem uma parceira fixa, se consegue construir mais e melhorar. Mas depende muito do ranking. Estou em uma boa fase. Em 2019, joguei com várias parceiras diferentes e arrisquei. Eu e minha parceira americana Hayley Carter combinamos de jogar só uma gira juntas na Ásia e, desde o primeiro treino, o primeiro torneio, os nossos jogos se encaixaram. A parceria surgiu dessa forma. Não tem segredo nem milagre. Ter uma parceira fixa com certeza vem com vários benefícios.

Quais são suas principais referências no tênis?

No tênis feminino, eu sempre gostei muito da Kim Clijsters, desde pequena, e sempre fui fã do Roger Feder. Atualmente, gosto de ver a Ashleigh Barty, que tem um jogo diferente, com muita variação, assim como a Bianca Andreescu. Gosto muito de ver a Karolína Muchová, da República Tcheca, jogar também. Eu não diria que tenho uma referência só. Gosto mais de me inspirar em um estilo de jogo do que em alguém. Muita gente brinca que eu lembro um pouco o jogo da Maria Esther Bueno, o que é uma honra ser comparada com ela. Quando eu tinha uns 12 anos, fiz clínica com ela em Bragança Paulista. Ela é um ícone, uma ídola no tênis brasileiro.

Quais são as próximas metas? Olimpíadas de Tóquio, em 2021?

Qualificar para as Olimpíadas, uma meta difícil, mas possível. Vou trabalhar, seria um sonho. Era para ser neste ano, mas o fato de ter adiado pode ter sido positivo para mim, por ter mais tempo para me qualificar. Eu preciso estar na top-10 no ranking mundial. Na lista das próximas metas, então, estão me qualificar para as Olimpíadas, qualificar entre as 10 melhores do mundo de duplas e ganhar um Grand Slam. São grandes metas e grandes sonhos, tudo junto. A minha outra meta de 2021 é jogar mais simples e começar a crescer a minha carreira.

Soube que você foi reprovada em um teste para ser boeira no Miami Open quando se mudou para os EUA. Esse episódio ficou marcado para você?

É engraçado falar disso, porque eu e meu irmão fomos para um teste para ser boleiros do Miami Open quando éramos pequenos. Mas eles fazem todo um treinamento e devia ter de 1 mil a 2 mil crianças para 300 vagas. E eu e meu irmão não fomos chamados. Mesmo sabendo que eram muitas pessoas para poucas vagas, lembro que a gente ficou chateado: 'Caramba, nem boleiro a gente conseguiu ser'. Então, uma das minhas metas é jogar no Miami Open e, quando eu vir os boleiros, vou lembrar dessa história, vai ser bem legal e gratificante. Neste ano, eu estaria lá. Não deu por causa da pandemia. Então, vou ter de esperar para o ano que vem. Vai ter um gostinho especial.